

Restringir Israel ou Estamos Condenados

O mundo observa, paralisado, enquanto o poder desenfreado de Israel entra em uma espiral de violência, testando as bases do direito internacional e da moralidade. Por 20 meses, Gaza tem sido um matadouro, e agora, a agressão de Israel se estende além, violando impunemente a Carta da ONU. Se a humanidade falhar neste teste, todos estamos condenados.

O Fracasso da Humanidade em Restringir a Fúria Assassina de Israel

A campanha implacável de Israel em Gaza, que dura quase dois anos, é um monumento ao fracasso da humanidade em agir. Mais de 54.000 palestinos foram mortos, 90% civis, com 2,3 milhões de deslocados e 90% da infraestrutura destruída. Essa violência, desprovida de proporcionalidade ou contenção, viola o direito humanitário internacional. No entanto, as respostas globais têm sido mornas, com apelos por cessar-fogo repetidamente ignorados. O único cessar-fogo negociado no início de 2025 foi rapidamente abandonado, quando Israel retomou sua ofensiva, rejeitando a paz completamente. Essa recusa destaca uma perigosa impunidade, encorajada pelo apoio inabalável do Ocidente.

Ataques Ilegais a Países Vizinhos

A agressão de Israel se estende além de Gaza, visando países vizinhos em ataques não provocados e ilegais, violando o Artigo 2(4) da Carta da ONU. A Operação Rising Lion, em junho de 2025, atingiu a instalação nuclear de Natanz no Irã, bases de mísseis e comandantes da IRGC, matando principalmente civis. Este ato, condenado globalmente como agressão, carece de justificativa sob o direito internacional. Da mesma forma, ataques à Síria, Líbano e Iêmen escalaram a instabilidade regional, todos sem evidências de ameaça iminente. Essas ações fazem parte de um padrão de terrorismo de Estado que a humanidade não conseguiu restringir.

Rejeição de Cessar-Fogo e Traição de Witkoff

A rejeição de Israel a todos os apelos por cessar-fogo, incluindo o negociado em 2025, destaca seu desprezo pela paz. A duplicidade do enviado dos EUA, Steve Witkoff, erode ainda mais a confiança. Em maio de 2025, Witkoff enganou o Hamas para libertar o prisioneiro de guerra israelo-americano Edan Alexander, prometendo ajuda e um cessar-fogo que nunca se materializaram. Essa traição não apenas comprometeu a legitimidade dos EUA como negociador neutro, mas também expôs as táticas manipulativas usadas para manter a vantagem militar de Israel, deixando os palestinos sem um caminho viável para a paz.

Legado Histórico da Violência Sionista

Historicamente, as ações de Israel estão enraizadas em um legado de violência que começou com a insurgência sionista contra o domínio britânico na década de 1940. O Irgun e o Lehi usaram o terrorismo para expulsar as forças britânicas e estabelecer um Estado judeu, massacrando aldeias palestinas como Deir Yassin em 1948, onde 107 civis foram mortos. Décadas de ocupação, expansão de assentamentos e violência se seguiram, culminando no surgimento do Hamas como uma reação a esse terror. Esse ciclo de violência, perpetuado por padrões diferentes para atores estatais e não estatais, ecoa a luta da humanidade para restringir monarquias domésticas.

Disparidade nas Consequências para Atores Estatais e Não Estatais

A disparidade nas consequências para atores estatais versus não estatais é um claro fracasso do direito internacional. O ataque do Hamas em 7 de outubro de 2023 é rotulado como terrorismo, mas o número muito maior de vítimas civis causadas por Israel escapa dessa designação devido à imunidade estatal. Esse duplo padrão reflete esforços históricos para restringir monarcas, onde o direito divino outrora protegia governantes da responsabilidade, até que revoluções e reformas legais exigissem igualdade perante a lei. Os mandados do TPI contra Netanyahu e Gallant por crimes de guerra em Gaza não são executados, e o fracasso do Conselho de Segurança da ONU, devido a vetos americanos, paralisa ainda mais a ação global.

Fracasso do TPI e do Conselho de Segurança da ONU

A incapacidade do TPI de executar mandados contra Netanyahu e Gallant, apesar de evidências claras de crimes de guerra, e a paralisia do Conselho de Segurança da ONU devido a vetos dos EUA, destacam o viés sistêmico a favor de atores estatais. Essa impotência mina as próprias fundações do direito internacional, uma base que a humanidade deve reconstruir para sobreviver. As ações de Israel, não controladas por esses órgãos, continuam a escalar, exigindo uma reforma urgente.

Ascendência Nuclear e Recusa em Cumprir

A ascendência nuclear de Israel adiciona outra camada de perigo. Ao roubar urânio altamente enriquecido dos Estados Unidos na década de 1960 e recusar-se a assinar o Tratado de Não Proliferação Nuclear, Israel tornou-se uma potência nuclear fora da supervisão internacional. Suas estimadas 90–400 ogivas representam uma ameaça existencial, particularmente a Opção Sansão, uma doutrina de retaliação nuclear como último recurso. Essa recusa em permitir inspeções da AIEA exacerba a instabilidade regional, à medida que os vizinhos respondem.

Direito do Irã de Retaliar e Vulnerabilidades de Israel

O Irã, sob o Artigo 51 da Carta da ONU, tem o direito à autodefesa após os ataques ilegais de Israel. Sua retaliação em junho de 2025, lançando 100–300 mísseis, penetrou nas defesas israelenses, expondo vulnerabilidades nos sistemas Arrow 2/3. A preparação do Irã, com um estoque de mais de 3.000 mísseis e capacidades hipersônicas, sugere que Israel poderia esgotar seus interceptores em semanas, um cenário apoiado por estimativas de reservas limitadas. Essa escalada destaca os riscos da agressão israelense desenfreada.

Dissuasão Nuclear do Paquistão

A promessa do Paquistão de retaliação nuclear caso Israel lance um ataque nuclear contra o Irã introduz uma dinâmica de dissuasão, potencialmente evitando uma catástrofe, mas também aumentando os riscos. Com 160–190 ogivas e mísseis Shaheen-III, o Paquistão poderia atingir Israel, destacando o brinkmanship que a humanidade enfrenta. Esse impasse nuclear exige que mantenhamos princípios morais e legais, mesmo correndo o risco de conflito.

Conclusão: Um Teste para a Humanidade

As ações e a impunidade de Israel são um teste para a humanidade. Devemos defender o direito internacional, agir com retidão e não ceder ao terrorismo de Estado, mesmo que isso signifique enfrentar a Opção Sansão. Um mundo caído na barbárie, onde o terrorismo de Estado reina sem controle, é pior que uma guerra nuclear. Restringir Israel, ou todos estamos condenados.